

O CERCO DE LISBOA: LITERATURA E HISTÓRIA EM JOSÉ SARAMAGO

Pedro Brum Santos*

A cultura, de um modo geral, e a literatura, particularmente, estão em permanente contato com o social. Não por serem produtos de um certo meio, mas porque as reflexões políticas e econômicas encontram o seu natural espelhamento na vida cultural e vice-versa. Antonio Candido apresenta uma explicação a respeito dessa simbiose, desenvolvendo os conceitos de integração e diferenciação. A integração é o conjunto de valores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos termos comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos elementos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças. São processos complementares, de que depende a socialização do homem. Conclui o crítico que a arte (e, por extensão, a cultura) “*só podem sobreviver equilibrando, à sua maneira, a duas tendências referidas.*”¹

A opção pelo social, enquanto referência e enquanto tema, coloca para a literatura (entendida como arte) a problemática de alcançar o equilíbrio referido, fugindo do extremo da integração que, neste caso, pode facilmente levar ao nível panfletário. Essa literatura, na forma de

* Professor do Curso de Letras da Faculdade Imaculada Conceição - Santa Maria - RS, e aluno do Curso de Doutorado em Teoria da Literatura da PUC - Porto Alegre, RS.

¹ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.

romance, alcança uma proporcionalidade adequada quando, de par com o cuidado formal, liga o drama pessoal à grande rede coletiva que é a vida em sociedade.

No romance contemporâneo, o caso português é significativo. Aí, o gênero fortaleceu seu veio social nas variantes ricas que soube explorar a partir do legado neo-realista. Buscando seu próprio caminho, afirmou-se como uma produção não dependente da realidade histórica momentânea, ao mesmo tempo em que mostrou uma constante preocupação e, às vezes, experimentação formal.

A presente reflexão toma como referencial a obra *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago. Este livro, de 1989, tematiza o processo da escritura e a relatividade do relato histórico. Pelo trabalho da forma e pela condução do conteúdo, entrecruzando discursos, épocas e narrativa, afirma Saramago dentro de uma produção literária que, regressando ao passado, proporciona o repensar do presente. O enredo gira em torno do revisor Raimundo Silva, seu envolvimento com a secretária Maria Sara e o seu trabalho dividido entre o exame das provas de um livro e a escritura de outro, versando ambos sobre o episódio do cerco. O quadro se completa com as ações deste fato histórico do século XII (a ocupação moura de Lisboa) entrecruzadas com os atos dos outros momentos relatados. O inusitado está no caso de Raimundo Silva adulterar o texto histórico que está revisando, opondo um *não* à referência que advoga a ajuda dos cruzados na expulsão árabe efetuada pelos portugueses.

O discurso indireto livre sustenta uma constante superposição dialógica. Sem a intervenção do narrador, as personagens vão soltando suas vozes. Às vezes parecem falar, outras, apenas pensar. Tudo com frases curtas, separadas apenas por vírgulas, e entremeadas de ditos que ora se querem e se parecem lapidares, de um efeito ao mesmo tempo contudístico e estético e que, em outros momentos, são realmente lugares comuns, que assumem um tom de ironia.

No tocante ao incidente do cerco aos mouros, que dá base histórica ao romance, destaque-se a figura do almuadem, um velho cego, que aparece na abertura e no encerramento de tal episódio. No primeiro momento, chama para a oração, no segundo, é assassinado. O almuadem, na verdade, encerra um ciclo e a sua morte, ao final, é o símbolo do momento em que os portugueses começaram a construir a sua pátria e a escrever a sua história, venceram as trevas e fizeram a luz. No entanto, esse percurso não se faz sem equívocos e desencontros. As

versões sempre são parciais, a verdade os compêndios oficiais, para os conchavos, para as mentiras que se arranjam em nome dos poderes constituídos.

Na *História do cerco de Lisboa* que resolve escrever depois do episódio da revisão, Raimundo Silva alude questões financeiras a presidirem as relações dos cruzados com o rei Afonso Henriques no século XII. Essa posição evoca toda uma narrativa subterrânea do povo português, ligando-o a uma sábia esperteza, em especial nos momentos decisivos. Lembre-se, a propósito, a afirmativa de Darcy Ribeiro:

*toda aquela secular sabedoria política lusitana de viver e sobreviver ao lado dos espanhóis, sem conviver nem brigar com eles. Toda aquela sagacidade burocrática, toda aquela cobiça senhorial com seu espanto apetite de enricar e de mandar.*²

É o resgate desse Portugal, tão verdadeiro quanto escuso, que a narrativa de José Saramago enseja. Com isso, vai ao encontro de um conceito de história que encontramos em Walter Benjamin. Por este conceito, entende-se que o conhecimento do passado, que é o objeto da História, articula-se com o interesse de conhecimento que, no presente, marca a relação própria do sujeito (ou da vida) com esse passado. Como propulsor dessa articulação temporal, na *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, encontramos o processo da escritura com a sua inerente capacidade de renovação contínua:

*Os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuante, à espera do olhar que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade de uma contradição latente, a evidência de seu próprio erro.*³

² RIBEIRO, Darcy. *Ensaio insólito*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

³ SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

O processo da escritura tem ocupado muitos ficcionistas, mormente no século XX. A metaliteratura faz crescer o interesse pelo dado autoral, procurando esclarecer o momento mesmo da criação de um texto. Saber que Guimarães Rosa percorria o sertão, anotando as histórias e as vivências sertanejas, não é o bastante para entender a magia de suas narrativas, a força de suas criaturas. Contudo, o conhecimento do extratexto, das circunstâncias sociais e pessoais que envolvem a produção, ajuda a satisfazer o desejo de arranhar o segredo da sensibilidade desses seres que, pela palavra, aproximam-se do mitológico poder dos deuses: criar um mundo que simula e faz ver melhor a realidade.

Ao trazer o processo da criação para dentro da ficção, o criador reduplica o sonho: o que já é literatura experimenta uma base real para dar suporte ao que passa a ser literatura. No caso da história do cerco, a Lisboa de Raimundo Silva confunde-se com a realidade presente e o dado histórico torna-se ficção. A dessacralização e a precariedade do discurso oficial que, quanto mais não seja, está à mercê do gesto gratuito de um revisor, surge no horizonte da leitura, abrindo o filão revisionista:

O meu livro, recordo-lho eu, é de história. Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida é literatura. A história também. A história sobretudo, sem querer ofender.⁴

À luz da dialética, podemos entender que a história perde o seu sentido como uma mera volta ao passado. Ainda retomando Walter Benjamin⁵, é preciso entendê-la como um processo construtivo, descontínuo, quebrado e contraditoriamente estratificado. No estudo histórico, é, pois, necessário encontrar um princípio messiânico com sentido emancipatório e humano. Funciona, desta forma, como um organismo de autoconhecimento e abre, a partir do passado, os caminhos do presente.

Este é sentido do *não* do revisor Raimundo Silva, que, de forma

⁴ Idem nota número 3.

⁵ BARRENTO, João. Organizador. *História literária. Problemas e perspectivas*. Lisboa: Apaginastantas, 1986.

sintomática, inicia a partir daí uma espécie de revisão do seu próprio projeto de vida:

quando escrevi Não os cruzados foram-se embora, por isso não me adianta nada procurar resposta ao Porquê na história a que chamam verdadeira, tenho de inventá-la eu próprio, outra para poder ser falsa, e falsa para poder ser outra.⁶

Quando se investiga um romance como este de Saramago, é preciso ter presente que o posicionamento social do escritor se intensificou no século XX, sob condições históricas diversas. *História do cerco de Lisboa* mostra-nos que, particularmente no caso português, esta noção se aprofundou, buscou novas soluções, abriu caminhos.

Em José Saramago, encontra-se o produto estético cuja forma realça as grandes questões conteudísticas encontradas ao fundo da escrita. Se estendêssemos essa apreciação ao conjunto do romance português contemporâneo de cunho social, por certo concordaríamos quanto ao ponto comum que inspira a matéria desses escritores. Tal ponto pode ser resumido na epígrafe da *História do cerco de Lisboa*, que foi retirada do *Livro dos Conselhos*, e que aponta para a constância da busca, sem perder o dado ideológico que já animava os neo-realistas:

Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se não a corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes.⁷

⁶ Idem à nota número 3.

⁷ apud SARAMAGO, op. cit.